

A INCULTURAÇÃO na Redemptoris Missio: Encarnar o Evangelho nas culturas.

Ao processo de encarnação do Evangelho nas culturas dos povos destinatários o papa dedica três números: 52, 53, 54, dizendo respectivamente
o que é inculturação
quem são os agentes da mesma
quais as condições para que seja correcta e eficaz.

Confesso que a palavra "inculturação" está a soar ainda um bocado desafinada aos meus ouvidos; prefiro a expressão do papa "encarnar o evangelho nas culturas" ou "evangelização da cultura", como dizia Paulo VI em EN. 20. Sim porque pelo que vou ouvindo e vendo, tenho às vezes a impressão que se queira "constrangir" o Evangelho dentro de algo apertado... como vinho novo em odres velhos, por exemplo. (cfr. Mc. 1,40- 3,6, espec. 2, 21-22; Jo. 2, 1-11 espec. 9).

O termo "inculturação", juntamente com o de "aculturação" foi usado pela primeira vez na "Catechesi tradendae" de 1979, no n.53 onde se fala na "Incarnação da mensagem nas culturas". É então recente na linguagem da Igreja quanto a palavra, mas não quanto a realidade significada.. Sempre se falou em "Adaptação" (*aptatio*) e é a linguagem do proprio Concílio Vat.II. (Ex. SC 37; GS 44; AG 22 etc.)

Desde 1659 a SCPF falou em adaptação do missionário e da pregação do evangelho às culturas locais, como também da forma de as comunidades locais poderem expressar sua fé, o que em linguagem moderna chamamos de "aculturação" e de "inculturação".

52. Falando em Inculturação o papa diz que é algo de urgente, mas que se actua em tempos longos (por bem três vezes o papa sublinha este tempo de "demora").

a. Define o processo pelo qual se actua o que inculturação significa:

1. **a íntima transformação dos valores culturais autênticos** (cf. Mt. 5,20ss.; Jo. 4,19-22) **pela sua integração no cristianismo.** (*Paulo e o seu tormento: os Judeus, sseus irmãos! Rom. 9, 1-8; 10, 1-4. Ele era plenamente insserido na sua cultura, partilhava as acusações a Estêvão: blasfemou! Fil. 3,1-4a. E nós somos até devedores aos Hebresos, que nos transmitiram a Palavra de Deus!*)

2. e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas

b. comenta e explica

- é um processo com fases sucessivas
- com movimento dúplice, que investe tanto a cultura quanto a Igreja
- pelo qual
 - a cultura floresce na Igreja e se renova, se transcende
 - a Igreja resplandece com novos aspectos (Paulo VI Kampala).
- Deve-se salvar
 - a **especificidade**: é caminho de Deus para o homem, inverso ao dos homens que procuram a Deus. (Ex. Mediator Dei et hominum, homo Christus Jesus, 1Tim. 2,5; Pléroma Col. 2, 6-11, etc.)
 - a **integridade da fé** (ex. Matr. monogâm.) (sem descontos: cf. Ap. 22, 18-19) (EN. 32)

Citando Ev.Nun. ao n. 20, sublinha que o Evangelho transmite os próprios valores às culturas renovando-as A PARTIR DE DENTRO, "partindo sempre das pessoas e voltando sempre ao relacionamento das pessoas entre elas e com Deus"

- efeitos produzidos:
 - a Igreja universal se enriquece com novas expressões e valores...
 - conhece e exprime cada vez melhor o mistério de Cristo
 - é estimulada a uma renovação contínua.

c. indica quem deve assumir e realizar: Missionários, comunidades, pastores (a sseguir, nº 53)

54. Indicações e condições para uma correcta inculturação.

a. Princípios

- compatibilidade com o Evangelho (os gestos o que dizem? O que devem anunciar?)
- comunhão com a Igreja universal (ver os particularismos dos gestos até cá na Guiné, por exemplo na forma de indicar a altura de animais e de pessoas...)

b. Perigos:

- alienação, pelo desrespeito
- superavaliação: temos que ter atenção, porque a cultura não deixa de ser produto do homem e, como tal, está marcada pelo pecado.

NB. Há mais um perigo, que foi denunciado no Sínodo para a África: o de querer ser cristão sem problemas, sem choques, sem aquelas rupturas e separações em que fala AG.13; é o que Paulo chamaria de "inimigos da cruz de Cristo" (cf. fil. 3, 18)

c. tempos

- é expressão não de teorias, mas sim da experiência cristã da comunidade (ver n. 53), por isso precisa duma "incubação" da mensagem evangélica no próprio seio da comunidade, de demora para que amadureça (são precisos nove meses para que nasça uma criança...)
- deve envolver toda a comunidade, o Povo de Deus com seu "sensus fidei"
- é preciso saber esperar e ter esperança (cf. Jac. 5, 7-8).

53. Os agentes da encarnação do Evangelho nas culturas.

A. Os missionários

Devem inserir-se e, para isso
 aprender a língua dos destinatários
 conhecer as expressões mais significativas da sua cultura
 descobrindo seus valores por experiência directa

em vista de poderem anunciar de maneira crível e frutuosa (é condicio sine qua non: "só poderão... através..")

O papa usa quatro verbos que ponctualizam o trabalho dos missionários neste campo:

compreender
 apreciar
 promover
 evangelizar

o que nos permite de nos tornarmos interlocutores válidos, graças a um estilo de vida em que é possível ler

o testemunho evangélico
 a solidariedade com o povo

em definitiva: fidelidade a Deus e fidelidade ao homem.

Pelo que podemos afirmar que o primeiro trabalho dos missionários não é o de curar, construir, costurar, ensinar, etc. nem mesmo de anunciar, mas si de se tornarem sinais inteligentes e intelegíveis, interlocutores válidos: só depois poderão trabalhar.

É o que foi afirmado cá na Guiné desde 1987 nas primeiras Linhas comuns de pastoral, ao longo da preparação das quais não poucos missionários confesdsaram de não saber por qual mato estavam a andar e onde podiam encontrar os caminhos certos. Podemos dar leitura dumas resoluções em propósito (LP. I...) para faazermos um segundo exame de consciência (o primeiro foi feito em 1990-91...)

B. As comunidades eclesiais em formaçãoj, as quais
inspiradas pelo Evangelho (ver EN 63 passim)
e progressivamente (*a primeira geração geralmente acusa e rejeita.* cf. Fil. 3,4-11; 2Cor. 5, 16-17)
exprimem a própria experiência cristã em modos e formas originais
em consonância com suas próprias culturas
em sintonia com as exigências objectivas da fé.

NB.

- O que devem exprimir não é algo de teórico, mas sim a experiência cristã, que, claramente, é suposta ser vivida.
- o que inspira a comunidade cristã a dar estes passos de inculturação não é reivindicação cultural ou algo de parecido, mas sim o Evangelho, anunciado e acolhido como Palavra de Deus (1Ts. 2,13). (ex. do intérprete, que não pode traduzir o que não compreende por não estar metido no contexto...)
- o papa emprega dois substantivos "musicais", "consonância" e "sintonia", de que o segundo, que se refere às exigências objectivas da fê, é mais vinculante do que o primeiro!...

Nada de improvisação:

- trabalhar a nível de conferências episcopais
- em conjunto com a Igreja Universal
- tendo presente os precedentes históricos ao longo dos séculos.

Obs. Pensemos um bocado na grande questão judáica, nas igrejas da África do norte, etc... e também no que nos relata o NT das experiências variadas das primeiras comunidades:

- quatro Evangelhos, diferentes entre eles (DV 19: "Os autores sagrados... escreveram os quatro Evangelhos.... tendo em conta o estado das igrejas...")
- as cartas de Paulo, em diferentes contextos culturais e eclesiais
- os Actos dos Apóstolos e a variedade de situações que nos apresentam
- os Padres Apostólicos... os Símbolos, os Ritos...

Isso tudo indica-nos o caminho para assentarmos as bases numa atitude, numa pesquisa e numa formação permanente neste campo.

Uns problemas práticos e habituais a título de exemplo:

- Os critérios de grandeza e de respeitabilidade exigidos pelos anunciadores ou pelos presbíteros nativos: será mesmo o ser reputado "grande" o que abre o caminho junto dos auscultadores? Não será melhor situar o carisma-ministério de Padre dentro do contexto eclesial, e só mediatamente no meio ambiente cultural? Não será também esta uma forma de "renegar a si mesmo" e aos critérios puramente humanos? Ou queremos cair no que foi lamentado até no Sínodo Africano de 1994? Dom Polycarp Pengo, Arcebispo de Dar-es-Salam, no Sínodo Africano, depois de ter falado na dicotomia em que os cristãos africanos vivem diante de situações que ameaçam gravemente a vida humana, como uma doença grave ou a morte, e que è provocada também no caso de esterilidade no matrimónio, diz: "Em todo o processo de inculturação, Cristo e seu Evangelho devem ter a

prioridade; deve-se lhes dar o primato absoluto. Se não nos basearmos saldamente neste princípio, acabaremos por baptizar somente as instituições culturais que tanto sofrimento, medo e angústia provocaram na concepção da vida tradicional do povo. Desta forma despojaríamos a mensagem evangélica de seu poder salvífico e libertador" (L'Osservatore Romano, I,p.30)

Jesus de Nazareth não pertencia a nenhuma classe oficial dos grandes hebreus...

Passou por ser um marginalizado, frequentador de marginalizados, em polémica com sua cultura, ou pelo menos com os que, nos moldes culturais de então, eram os "grandes"; no entender deles era um autêntico "desculturado" que se devia eliminar (cf. Mc.1,40-44; 2, 1-3.6)

Veja-se também Estêvão que "ataca", no entender dos grandes, os alicerces da cultura hebraica, e veja-se também Paulo (fil. 3, em particular 3,3 : somos nós os verdadeiros circuncidados, os verdadeiros Hebreus filhos de Abrão, cf. col.2,11; e fil. 3,20: "a nossa cidade está nos céus", já não cabemos na cidade terrena, já transcendemos nossa própria cultura, vivemos com estrangeiros e peregrinos (cf. Hebr. 13,14; 1Pt. 2,11)

- Os gestos e os ritos a "assumir",
por ex. no enterro:

devemos ver o que poderia "sobreviver" da nossa cultura, colhendo gestos com significado ambíguo, ou tirando-lhes o significado tornando-os não manifestações culturais mas sim de simples folclor? Ou devemos escolher gestos e palavras mais aptos a anunciar que Cristo venceu a morte e nos trouxe a vida que não acaba? Proclamamos a morte ou a ressurreição? E então quais gestos podemos assumir capazes de anunciar o que devemos?

por ex. no casamento

Em felupe diz-se que o homem "*nayab*", toma a mulher, apodera-se dela e que a mulher "*nassoño*" *babu annyn áu*. Ainda não consegui analisar ao fundo este radical, usado na forma verbal média, mas inclui a ideia de se encostar, quase a dizer que a mulher só consegue ser mulher se é tomada, como que em propriedade, pelo homem.

No casamento cristão, baseados na forma com que a própria língua felupe chama o homem e a mulher (num pé de igualdade com diferentes funções), resolvemos dizer que os dois "*kuyabore*", usando o recíproco: tomam-se um ao outro, com pares direitos e deveres.....

e assim por diante....